



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA PINHEIRO

A TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR CULTO MOSSOROENSE

Mossoró
2021

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA PINHEIRO

A TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR CULTO MOSSOROENSE

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Chicon Alves

Mossoró
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

O48t

Oliveira Pinheiro, Carlos Eduardo de

A TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR CULTO MOSSOROENSE. / Carlos Eduardo de Oliveira Pinheiro. - Mossoró, 2021.

34p.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilson Chicon Alves.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). Falar culto mossoroense. Sujeito. Topicalização. I. Alves, Gilson Chicon. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

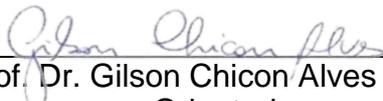
CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA PINHEIRO

A TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR CULTO MOSSOROENSE

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 01/06/2021.

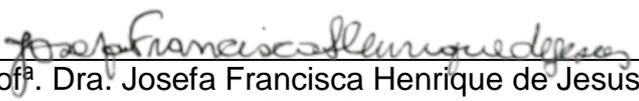
Banca Examinadora



Prof. Dr. Gilson Chicon Alves - UERN
Orientador



Prof. Dra. Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá- UERN
Examinadora



Prof.^{fa}. Dra. Josefa Francisca Henrique de Jesus- UERN
Examinadora

Dedico esta monografia a meus pais, Cláudia e Carlos, e a todos os que um dia já se perguntaram: “o que é topicalização?”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu verdadeiro e fiel amigo, que me sustentou com sua forte mão e ajudou-me a tornar possível o sonho de ser professor.

Aos meus pais, Cláudia e Carlos, os quais, renunciando seus próprios sonhos para que o meu fosse realizado, me deram todo o suporte amoroso e financeiro antes e durante o meu curso.

À Flaviane, minha namorada, por ter sido, nesses meses, o meu refúgio e ponto de paz.

A Gilson Chicon, meu orientador, amigo e pai acadêmico, que me ensinou as mais belas lições de vida e de gramática e me deu as mais significativas oportunidades de crescimento acadêmico.

À Jammara Vasconcelos, minha mãe acadêmica, que, sempre com muita ternura, me acolheu e orientou como a um filho desde o segundo semestre.

À Josefa Henrique, por todo carinho, conselhos e confiança a mim destinada.

Ao professor e amigo Edgley Tavares, por todas as oportunidades a mim proporcionadas durante o meu curso.

A Aluísio Barros, Hubeônia Alencar e Margarete Solange, que me presentearam, durante a graduação, com bons e raros livros, os quais muito me auxiliaram nesta monografia.

A Edmar Peixoto, que confiou a mim a monitoria da disciplina de Fonética e Fonologia e, acima de tudo, a ministração do Curso de Gramática e Texto Acadêmico.

À Raimunda França, minha irmã em Cristo, por todo apoio e carinho a mim destinados.

A todos os verdadeiros colegas de turma, que tornaram menos cansativa a trajetória árdua de quatro anos.

Por fim, agradeço especialmente a todos os que, direta ou indiretamente, de mim duvidaram. Sem vocês, eu não teria me dedicado com tanta garra e vigor ao sonho de tornar-me professor de Língua Portuguesa.

A todos vocês, meu muito obrigado!

“Com a palavra criaram-se e destruíram-se mundos, selaram-se destinos, elaboraram-se ideologias, proferiram-se maldições e blasfêmias, expressaram-se ódios, mas também com ela - e só com ela -, em tantos e tão desvairados povos, falou-se de amor, consolaram-se aflições e elevaram-se preces ao seu Deus. Ela tem sido, através do tempo, a mensageira do bem e do mal, da alegria e da dor.”

(CELSO CUNHA, 2004, p. 461).

RESUMO

Nos compêndios gramaticais de perspectiva normativa, o processo de topicalização do sujeito é caracterizado como uma figura de linguagem marcada pela desorganização sintática, qual seja: o anacoluto. Por conta disso, muitos gramáticos concebem esse mecanismo sintático-discursivo como uma construção linguística a ser evitada, a exemplo de Bechara (2019). Distanciando-se dessa proposta, este trabalho objetiva investigar a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense, a fim de demonstrar a hipótese de que esse fenômeno linguístico, além de ser motivado linguisticamente e extralinguisticamente, é cada vez mais recorrente no falar de pessoas cultas. Para tanto, sob os fundamentos propostos por Bagno (2012), Castilho (2019), Coan *et al* (2016), Perini (2007) e Pontes (1987), realizou-se uma análise de transcrições de oito áudios coletados, em 2019, em um Projeto Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), intitulado “Análise do Fonema /s/ em Posição de Coda no Falar Culto Mossoroense”. Com essa investigação, buscou-se responder, sob os pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, ao seguinte questionamento: “de que modo os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense?”. Para essa avaliação, observaram-se as seguintes variáveis: sexo e idade (variáveis extralinguísticas), extensão do sujeito, grau de animacidade, definitude (variáveis linguísticas). Quanto aos resultados, foi possível perceber que as análises corroboram as hipóteses norteadoras deste trabalho. Assim, conclui-se que o fenômeno analisado não se restringe a uma desorganização sintática. Ao contrário, trata-se de uma possibilidade linguística coerente e motivada, que progressivamente parece ganhar recorrência entre os falantes cultos mossoroenses.

Palavras-chave: Falar culto mossoroense. Sujeito. Topicalização.

ABSTRACT

In the grammatical compendiums of normative perspective, the subject topicalization process is characterized as a figure of language marked by the syntactic disorganization, that is: the anacolute. Because of this, many grammarians conceive this syntactic-discursive mechanism as a linguistic construction to be avoided, like Bechara (2019). Distancing itself from this proposal, this work aims to investigate the topicalization of the subject in Mossoró city cultured speech, in order to demonstrate the hypothesis that this linguistic phenomenon, besides being motivated linguistically and extralinguistically, is increasingly recurrent in the cultured people speech. For this, under the foundations proposed by Bagno (2012), Castilho (2019), Coan *et al* (2016), Perini (2007) and Pontes (1987), an analysis of the transcripts of eight audios collected in 2019 was carried out in an Institutional Program of Scholarships for Scientific Initiation (PIBIC) project, entitled “Analysis of the Phoneme /s/ in Position of Coda in the Cultured Speech of the Mossoró city”. With this investigation, we sought to answer, under the methodological assumptions of the qualitative research of bibliographic character, to the following question: “how do linguistic and extralinguistic factors favor the subject's topicalization in the Mossoró city cultured speech?”. For this evaluation, the following variables were observed: gender and age

(extralinguistic variables), subject extension, animacy degree, definitude (linguistic variables). As for the results, it was possible to notice the analyses corroborate the hypotheses that guide this study. Thus, it is concluded that the analyzed phenomenon is not restricted to a syntactic disorganization. On the contrary, it is a coherent and motivated linguistic possibility, which progressively seems to gain recurrence among the cultured speakers from Mossoró city.

Keywords: Mossoró city cultured speech. Subject. Topicalization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TOPICALIZAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS	12
2.1 Linguística e Gramática tradicional: uma breve diferenciação	12
2.2 Norma culta: um esclarecimento necessário	14
2.3 A topicalização sob o viés dos preceitos normativos.....	17
2.4 A topicalização sob o ponto de vista dos preceitos descritivos	18
3 TOPICALIZAÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS ADOTADAS.....	19
3.1 Topicalização e ensino	22
4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
5 ANÁLISE DA TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR CULTO MOSSOROENSE ..	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da topicalização ganhou notoriedade nos estudos linguísticos a partir dos anos 1970, quando linguistas italianos perceberam, especificamente na língua falada, o deslocamento à esquerda de certos constituintes frásicos. Conforme nos mostra Castilho (2019), a essas construções os estudiosos da linguagem atribuíram, inicialmente, o nome de “emarginações”. Isso porque, como indicamos, tais construções se caracterizavam pelo deslocamento de sintagmas à margem esquerda da sentença, projetando, por conseguinte, hierarquização tópica.

Evidentemente, os estudos sobre a construção de tópico não se restringiram à Itália. Prova disso é que, em 1987, a linguista brasileira Eunice Pontes publicou um livro ao qual deu o título de *O tópico no português do Brasil*. Isso implica reconhecer que nossa pesquisa não é, quanto à temática, inédita, tendo em vista que já há, no Brasil, estudos sobre o fenômeno da topicalização.

Entretanto, em nossas buscas, não encontramos nenhum trabalho acerca desse fenômeno linguístico realizado especificamente na cidade de Mossoró/RN. É, pois, devido a tal ausência que propomos este estudo. Nele, adotamos como *corpus* de análise o falar culto mossoroense, no qual analisaremos os processos de topicalização dos sujeitos. Dessa forma, será possível preencher a lacuna existente no que concerne às pesquisas linguísticas sobre o processo de topicalização no falar culto mossoroense, fato por meio do qual justificamos a relevância desta pesquisa.

Ademais, salientamos que a investigação aqui proposta possibilita, se aliada a outras pesquisas, tecer o perfil do falante culto mossoroense, tendo em vista que os traços linguísticos revelam, significativamente, a identidade dos falantes. Não sem motivo, Soares (2017) nos esclarece que desprezar a fala de um indivíduo é, antes de tudo, desprezá-lo, na medida em que o modo como falamos está estreitamente relacionado à nossa identidade. Portanto, consideramos que analisar a realização de tópicos pelos falantes cultos mossoroenses nos auxilia, também, a descrever o perfil linguístico de tais falantes.

É diante dos motivos elencados que julgamos pertinente, sobretudo necessário, desenvolver esta pesquisa. Para tanto, delimitamos como objetivo principal responder, assumindo metodologicamente os pressupostos da pesquisa

qualitativa de caráter bibliográfico (GIL 2002), ao seguinte questionamento: “de que modo os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense?”. No que se refere ao *corpus* necessário à resposta do questionamento anterior, valemo-nos dos dados coletados, em 2019, por meio de um Projeto Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), intitulado “Análise do Fonema /s/ em Posição de Coda no Falar Culto Mossoroense”. Nesse projeto, foram entrevistados oito falantes cultos mossoroenses, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Por esse motivo, consideramos que tais dados nos servem, também, como um *corpus* analítico adequado e suficiente para um trabalho introdutório, e, em vista disso, recorreremos às transcrições dos áudios nele coletados.

Em se tratando do percurso organizacional, nesta pesquisa, optamos, além desta introdução, por cinco capítulos. No segundo, fracionado em quatro subseções, tratamos do modo como a topicalização é conceituada nos estudos linguísticos de perspectivas tradicionais, para, em seguida, observarmos esse mecanismo sintático sob o ponto de vista das teorias de linguagem de base descritiva. Antes disso, porém, fizemos uma breve distinção entre Linguística e Gramática Tradicional e, também, entre norma culta e norma-padrão. No terceiro capítulo, tivemos o cuidado de definir as perspectivas teóricas que nortearão a análise. No quarto capítulo, descrevemos, detalhadamente, os aspectos metodológicos adotados para o processo analítico e, no quinto, apresentamos os resultados e conclusões aos quais chegamos.

Delineados os objetivos e procedimentos a serem cumpridos doravante, ainda nos parece necessário esclarecer que, nas menções à gramática normativa necessárias à análise cogitada, não temos o intuito de vilipendiar nenhum autor citado. Ao contrário, pretendemos proporcionar, por meio de nossas ponderações, algumas reflexões que possibilitem o redimensionamento conceitual do fenômeno de topicalização do sujeito.

Dessa forma, conseguiremos fornecer ao ensino maior viabilidade no entendimento das conceitualizações acerca dos processos de topicalização. Com isso, este trabalho pode também, por meio de seus direcionamentos, proporcionar ao professor de língua materna a possibilidade de ampliar suas abordagens em relação às construções de tópico-comentário, na medida em que nos distanciamos das perspectivas que limitam a topicalização à mera noção de erro.

2 TOPICALIZAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS

Introdutoriamente, delimitamos como objetivo primordial desta pesquisa investigar o modo como os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o processo de topicalização do sujeito no falar culto mossoroense. Para cumprir esse intuito, consideramos pertinente, sobretudo necessário, descrever o modo como a topicalização é contemplada na visão tradicional e, também, na literatura linguística. Este capítulo, portanto, destina-se principalmente a esse intuito. Além disso, pretendemos, ainda dentro dessas discussões, diferenciar alguns conceitos que nos parecem pertinente, quais sejam: gramática x linguística, norma culta x norma-padrão. Com essas ponderações, nortearmos, por fim, as perspectivas teóricas que guiarão nosso processo analítico.

2.1 Linguística e Gramática tradicional: uma breve diferenciação

Se o objetivo principal deste capítulo é, conforme delimitado anteriormente, abordar a topicalização à ótica da Linguística e da Gramática Tradicional (doravante GT), parece-nos oportuno, antes de assim proceder, diferenciar tais áreas de estudo, projetando suas mais notórias oposições. A essa tarefa dedica-se, pois, esta seção. Desde já, fica-nos evidente, ao afirmarmos que temos como intuito diferenciar Linguística de GT, que estamos tratando de duas áreas não passíveis de serem vistas como sinônimas, conquanto muitos ainda as tratem indiferentemente (UCHÔA, 2019). Nesse sentido, temos como ponto de partida a perspectiva de que Linguística e GT não são a mesma coisa, e as diferenças entre ambas já são bem demarcadas por diversos estudiosos.

Sabendo disso, iniciamos nossas discussões conceituando Linguística. Para tanto, é necessário lembrar que os estudos da linguagem ocorrem há muitos séculos. Barbosa (2013), por exemplo, nos mostra que, no século II a.C., o filósofo-historiador Varrão já se preocupava em descrever a gramática latina, observando, dentre alguns fatores, a relevância da convenção e da natureza na origem das palavras. Entretanto, conquanto as investigações a respeito da linguagem remetam a tempos longínquos, é somente a partir de 1916 que seu estudo adquire o status de ciência. Como nos esclarece Barbosa (2013, p. 17):

Somente no limiar do século XX, com a publicação do Curso de Linguística Geral, em 1916, obra póstuma de Ferdinand Saussure, produto de suas aulas na Universidade de Genebra, compilada por seus alunos Charles Bally e Albert Sechahaye, a Linguística se instituiu como ciência moderna. O método de investigação dessa ciência, conforme proposto por Saussure, na observação e descrição dos fatos da língua. Caberia ao linguista a aproximação desses fatos por um quadro teórico específico. A Linguística, que outrora não passava de uma área de conhecimento associada à lógica, filosofia, retórica, história e/ou crítica literária, passou a ser uma ciência com um objeto próprio de investigação: a *langue* (língua em francês).

Esclarecido isso, vemos que a Linguística é, antes de tudo, uma ciência, e esse status foi-lhe atribuído há mais de cem anos. Mesmo com esse período considerável de consolidação, é comum ainda ouvirmos, conforme afirma Othero (2017), a recorrente pergunta: “o que é linguística?”. Tal questionamento reflete que a ciência da linguagem, de certa forma, “só é mesmo conhecida no mundo acadêmico” (UCHÔA, 2019, p. 18), razão pela qual muitas vezes é tratada como sinônimo de Gramática Tradicional. Entretanto, partindo do que já foi discutido até o momento, podemos responder ao questionamento postulado anteriormente caracterizando a Linguística como uma ciência instituída em 1916, a qual visa a estudar a linguagem em todas as suas dimensões, sem lhe atribuir juízo de valor.

Nesse sentido, o linguista é o estudioso da linguagem, o qual “faz ciência, tendo como objeto de pesquisa e estudo a linguagem verbal, em todas as suas mais variadas manifestações” (UCHÔA, 2019, p. 34). Com essas ponderações, já nos é possível introduzir um conceito basilar de Linguística, evidenciando-lhe as características principais. Todavia, falta-nos ainda esclarecer quais são as diferenças entre a ciência da qual tratamos até então e a Gramática Tradicional.

Para cumprir esse objetivo, poderíamos afirmar que, diferentemente da Linguística, a GT preocupa-se em prescrever, baseada geralmente nos Clássicos da Literatura, regras que ditam o modo correto de se expressar (BAGNO, 2012). Logo, a GT apresenta uma função normativa, e seus estudos baseiam-se, em grande parte, na dicotomia “*certo e errado*”. Assim, não são todas as construções linguísticas que são estudadas pela GT. Na verdade, nela há um destaque para aquelas consideradas certas. As que fogem a esse status são apenas classificadas como errôneas e limitadas a tal classificação, quase sempre sob a justificativa de que as construções vilipendiadas não fazem parte da norma culta da língua. Nesses

casos, a noção de erro, conforme pondera Bagno (2012), torna-se cômoda, tendo em vista que não há uma preocupação em investigar o porquê de tais “erros” serem recorrentes. Em suma, portanto, enquanto a Linguística investiga qualquer manifestação verbal sem, para tanto, recorrer a valorações, a GT preocupa-se com a “pureza” da língua, na tentativa de preservar o idioma dos supostos erros de português.

A fim de exemplificarmos a diferenciação que projetamos anteriormente, vejamos a seguinte oração: “Nós pega o ônibus às 6 horas da manhã”. Imaginemos, agora, um gramático e um linguista diante de tal construção sintática. O primeiro afirmaria, provavelmente, que há na oração um desvio de concordância verbal e que, além disso, tal construção deve ser sempre evitada, pois não pertence à norma culta da língua. O segundo, por sua vez, presumivelmente se preocuparia em investigar quais são os fatores linguísticos, sociais, regionais, dentre outros, que motivam o falante a utilizar “Nós pega o ônibus às 6 horas da manhã”, e não “Nós pegamos o ônibus às 6 horas da manhã”.

Do que foi dito até então, já nos é possível perceber as diferenças mais introdutórias entre Linguística e GT. Evidentemente, não tivemos o intuito, nesta seção, de pontuar todo o percurso de ambas as áreas, senão de apresentar, introdutoriamente, as principais diferenciações entre esta e aquela perspectiva teórica. Vimos, então, que a linguística é a ciência da linguagem e, como tal, estuda as manifestações verbais sem fazer uso da noção de *certo* e *errado*. A gramática, como frisamos, adota o processo inverso, recorrendo, geralmente, à norma-padrão como justificativa de suas prescrições. Disso, fica-nos um questionamento: “mas o que é norma-padrão? É o mesmo que norma culta?”. Responder a essas indagações é o objetivo da próxima seção.

2.2 Norma culta: um esclarecimento necessário

Anteriormente, mencionamos que a noção de erro em Língua Portuguesa é muito cômoda. Aliás, relegar as construções que não estão de acordo com as prescrições gramaticais é menos custoso do que proceder a uma investigação linguística científica. E muitas vezes, como aponta Faraco (2008), para justificar a classificação de determinados fenômenos linguísticos como meros erros, é comum que algumas obras normativas recorram apenas ao seguinte argumento: “tal

construção não está de acordo com a norma culta”. Mas, afinal, o que é considerado, nesses casos, norma culta? Poderíamos entendê-la como sinônimo de norma-padrão?

Para iniciar um breve esclarecimento em relação às indagações feitas inicialmente, vejamos o conceito de norma culta dado por Cunha e Cintra (2017, p.9), ao prefaciarem a obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: “Esta gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá”. Ora, observando a descrição dada pelos autores, vemos que, para eles, estar de acordo com a norma culta é expressar-se linguisticamente tal como se expressam os escritores brasileiros, portugueses e africanos. A língua dos Clássicos seria, portanto, o modelo no qual deveriam se basear todos aqueles que pretendem estar de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.

Chama-nos atenção, nesse conceito, o fato de a linguagem oral não ser abordada. Na verdade, como afirma Faraco (2008), esse apagamento é recorrente nas aulas de Língua Portuguesa. Ele revela, em seu íntimo, a velha noção de que a única manifestação linguística dotada de normas é a escrita, sobretudo a dos considerados Clássicos. Entretanto, as pesquisas linguísticas já demonstraram que “a língua, em qualquer de suas variedades, é uma norma, uma escolha dentre as possibilidades de um sistema linguístico, um uso recorrente” (UCHÔA, 2019, p.111).

Além disso, estudos relativamente recentes esclarecem, ao contrário do que propõem Cunha e Cintra (2017), que falantes cultos não são aqueles que se comportam linguisticamente tal como os grandes escritores da literatura. Ao contrário, são “falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 47).

Por meio desse critério, podemos responder ao questionamento levantado por Uchôa (2016, p. 69), ao indagar aos seus leitores quais seriam os critérios em que devemos nos basear para definir o conceito de norma culta:

Serão os textos dos escritores brasileiros e portugueses do Romantismo para cá, atribuindo-se uma situação privilegiada aos autores da época hodierna, como defendia Celso Cunha? Ou devem ser os textos da linguagem técnica, acadêmica e jornalista, pelo fato de observarmos em textos dessas linguagens uma grande uniformidade gramatical, permitindo proceder, assim, a uma descrição com maior coerência, como preconizam Perini (1985: 85-88) e outros linguistas contemporâneos?

Ora, por nos pautarmos no conceito dado anteriormente por Faraco (2008), inclinamo-nos para a segunda opção, com a ressalva de que a língua culta pode ser observada não só em textos escritos, mas também em textos orais. Assim, neste trabalho, adotamos como definição de norma culta a língua falada e escrita pelos cultos, ou seja, por falantes com ensino superior completo, em situações nas quais haja certo grau de monitoramento.

Definido tal conceito, resta-nos esclarecer o segundo questionamento levantado na introdução desta subseção, a saber: norma culta é sinônimo de norma-padrão? Em primeiro lugar, consideramos que abordar essa temática ainda é, sem dúvida, pertinente. E assim entendemos porquanto, por mais que tais definições já tenham sido delimitadas pela ampla literatura linguística da qual dispomos, muitos ainda usam “norma culta” e “norma-padrão” indiferentemente.

Entretanto, como esclarece Bagno (2012), essas definições são significativamente distintas, tendo em vista que a norma culta toma por base uma língua real, tal como a caracterizamos. A norma-padrão, ao contrário, caracteriza-se como uma língua idealizada, que, de certa forma, só existe nas páginas das gramáticas de perspectiva normativa e não corresponde a nenhuma variedade linguística do português brasileiro.

É possível ainda, segundo Faraco (2008), falarmos em uma terceira classificação, qual seja: norma *curta*. Essa, por sua vez, corresponde à língua veiculada, principalmente, nos manuais de escrita e redação, os quais chegam, muitas vezes, a ser mais normativos que as próprias gramáticas de perspectiva tradicional. Assim, muitos usos já abonados em veneráveis gramáticas normativas, por exemplo, são considerados erros por tais manuais. A essas atitudes, Faraco (2008) atribui a classificação de norma *curta*.

Evidentemente, descartamos, neste trabalho, as duas últimas definições por nós abordadas, a saber: norma-padrão e norma *curta*. Assim, para nossa metodologia, valemo-nos do conceito de norma culta, tal como a têm delineado Faraco (2008) e outros estudiosos da linguagem. Esclarecido isso, cumprem-se os objetivos desta subseção, por meios dos quais será possível proporcionar maior rigor científico às abordagens a serem feitas em nossa análise.

2.3 A topicalização sob o viés dos preceitos normativos

Nas discussões anteriores, esclarecemos que Linguística e GT são áreas distintas, sobretudo no que se refere ao modo de análise dos fenômenos linguísticos. Isso já nos permite presumir que esta e aquela área de estudo tratam, provavelmente, o fenômeno da topicalização de maneira diferente. Por conta disso, nesta seção dedicar-nos-emos a discutir, brevemente, o modo como a GT contempla os processos de topicalização.

De início, já podemos apontar que o processo de topicalização “não é reconhecido pela tradição gramatical, sendo deixado à parte, como uma figura de linguagem: o anacoluto, sempre exemplificado com textos literários” (COAN et al., p. 174, 2016). A análise de Sacconi (1982, p. 358), por exemplo, confirma-nos tal afirmação, à medida que o autor concebe os exemplos de topicalização como “a falta de nexos sintático entre o princípio da frase e seu fim”. Rocha Lima (2007, p. 489) segue, também, o mesmo critério classificatório, concebendo o fenômeno do qual tratamos como uma “desconexão sintática, resultante do desvio do plano de construção da frase”. Portanto, para os autores, uma sentença como “O João, ele não veio hoje” é representante apenas de um desvio de sintaxe e, como tal, dispensa investigações mais aprofundadas.

Disso podemos perceber que, para a tradição gramatical, o processo de topicalização é reduzido a uma mera figura de linguagem (anacoluto). Ademais, a sua descrição é feita com o uso frequente de termos linguisticamente pejorativos, tais como: “desconexão”, “falta de nexos”, “desvio”. Não há também, conforme introduzimos na seção 2.1, uma preocupação em explicar os motivos pelos quais o usuário da língua deixa de optar, em certos casos, pela ordem canônica (sujeito-verbo-complementos) e passa a utilizar uma construção topicalizada. Todo o processo é sintetizado, como vimos, em duas linhas, as quais reduzem o fenômeno de topicalização a uma figura de linguagem marcada por “falta de nexos e desvios sintáticos”.

Dito isso, cremos que já seja perceptível a visão da GT acerca dos processos de topicalização. De certa forma, o que dissemos a respeito da GT na seção 2.1 confirmou-se, significativamente, nesta seção. Na próxima, teremos a oportunidade de observar o modo como o mecanismo sintático de que estamos tratando é caracterizado pelas teorias linguísticas de perspectivas descritivas. Desta seção,

porém, devemos enfatizar, principalmente, que a abordagem gramatical, em se tratando de topicalização, é reducionista, pois, conforme observamos, a GT apresenta descrições rasas e, acima de tudo, recorrência de depreciações, aspectos a serem por nós retomados no capítulo 3.

2.4 A topicalização sob o ponto de vista dos preceitos descritivos

Sabemos já o modo como a tradição gramatical trata os processos de topicalização de constituintes frásicos. Cabe-nos agora investigar de que maneira a literatura linguística de base descritiva caracteriza esse mesmo fenômeno. O objetivo desta seção não é, entretanto, descrever minuciosamente todos os detalhes relativos à topicalização sob a perspectiva descritiva. Pretendemos somente perceber, acima de tudo, o conceito geral de topicalização a fim de, no próximo capítulo, comparar as principais diferenças entre a visão normativa e a descritiva, indicando, dentre essas, aquela pela qual optamos nesta pesquisa.

Nesse sentido, para que possamos perceber como a topicalização é considerada na literatura linguística de perspectiva descritiva, vejamos o posicionamento de alguns autores, quais sejam: Bagno (2012) e Coan et al. (2016). O primeiro conceitua topicalização dando o seguinte exemplo: “O Recife o Alfredo adora”. Assim exemplificando, Bagno (2012, p. 473) afirma:

Quando um constituinte da sentença sofre esse deslocamento à esquerda, dizemos que ele foi *topicalizado*, isto é, se transformou no *tópico* (no tema, no assunto) para o qual o falante quer chamar a atenção, que o falante quer enfatizar, pôr em destaque. Essas construções de tópico são extremamente comuns em nossa língua e em muitas outras.

O segundo autor pelo qual optamos segue os mesmos preceitos postulados por Bagno (2012), afirmando ser a topicalização um processo sintático por meio do qual se apresenta, geralmente:

Um sintagma nominal à esquerda da oração, que pode ser retomado através de um pronome cópia, a depender da intenção do falante em chamar a atenção de seu interlocutor para o que será sito, prosseguindo, então, com o comentário acerca do tema da mensagem (COAN et al., 2016, p. 174).

Do que vimos de tais autores, já podemos perceber, de certo modo, aspectos relevantes ao objetivo desta seção. O primeiro deles é que as construções

topicalizadas são contempladas na literatura linguística descritiva. Ou seja, há, nessa perspectiva, o devido reconhecimento desse fenômeno sintático. Além disso, percebemos que, ao descrever as construções de tópico, não há palavras que o desvalorizem. Ao contrário, a topicalização é reconhecida como uma construção linguística recorrente em nosso idioma, a qual é utilizada com finalidades discursivas bem definidas pelos falantes.

Em síntese, portanto, vimos que a topicalização sob a perspectiva linguística de teor descritivo é tratada como fenômeno sintático lógico e motivado, o qual é muito recorrente no português brasileiro. Trata-se, então, de uma estratégia discursiva, por meio da qual os falantes chamam atenção para determinado segmento frásico recorrendo, para isso, ao deslocamento de constituintes à margem esquerda da oração. Esclarecido isso, cabe-nos, no próximo capítulo, analisar criticamente as principais diferenças entre as duas perspectivas por nós detalhadas: a da Linguística e a da GT. E, ao fazer isso, justificaremos, por fim, as escolhas que nortearão a análise deste trabalho.

3 TOPICALIZAÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS ADOTADAS

Em 1987, ao trazer para o Brasil os primeiros estudos sobre o processo de topicalização, Eunice Pontes lamentou que tais construções sintáticas fossem vilipendiadas nas aulas de língua materna. Lamentavelmente, passados mais de trinta anos, a mesma indignação ainda se faz necessária. Isso porque, conquanto os estudos linguísticos tenham avançado de forma significativa, o purismo gramatical continua a relegar as construções de tópico-comentário ao terreno da incorreção, do desvio. Entendemos, entretanto, que as sentenças topicalizadas, assim como qualquer fenômeno linguístico, possuem motivações, não sendo, portanto, um mero desvio à regra, conforme classificam algumas obras de perspectiva tradicional. Nesse sentido, propomos nesta seção uma breve abordagem crítica sobre o processo de topicalização, visando não só a discutir conceitos, mas também a desfazer preconceitos que ainda perpassam essa temática.

Em primeiro lugar, para que visualizemos mais notoriamente os apontamentos feitos no capítulo anterior, vejamos o posicionamento de Bechara (2019, p. 52) a respeito dos processos de topicalização do sujeito:

Por fim, evite um cacete de expressão que se propaga principalmente na língua falada: a repetição do sujeito por meio dos pronomes *ele, eles, ela, elas*. Exemplo:

O vizinho, *ele* não aceita mais desculpas. (E sim: *O vizinho não aceita mais desculpas.*)

A pátria, *ela* precisa de seus filhos. (E sim: *A pátria precisa de seus filhos.*)

Os erros, *eles* nos aprisionam para sempre. (E sim: *Os erros nos aprisionam para sempre.*)

Ao caracterizar, pejorativamente, o processo de topicalização do sujeito como um “cacete de expressão” e condenar o uso de tal possibilidade linguística, Bechara nos faz ter a mesma preocupação que teve, em 1987, Eunice Pontes, diante da existente rejeição às sentenças de tópico-comentário. Ademais, percebemos que a recomendação do não uso da topicalização é feita pelo autor de maneira totalmente arbitrária. Prova disso é que não há nenhuma explicação em relação ao motivo da prescrição, talvez porque (pressupomos) a noção de erro seja, nesse caso, mais cômoda.

Entretanto, por mais que os puristas tentem coibir, o processo de topicalização torna-se cada vez mais presente na Língua Portuguesa. Bagno (2012, p. 919), por exemplo, mostra-nos que:

O PB é uma língua em que as estruturas tópico-comentário ganham cada vez mais espaço, avançando sobre os terrenos das estruturas sujeito-predicado. Isso ainda não nos autoriza a classificar o PB como uma língua inteiramente de tópico. Mesmo assim, os efeitos da topicalização são facilmente perceptíveis sobre outras áreas da gramática.

É justamente nessa perspectiva que direcionamos este trabalho. Assim, concordamos que o processo de topicalização vem se tornando rotineiro no português brasileiro, por mais que a tradição normativa disso não faça reconhecimento. Tal peculiaridade, aliada à ausência de pesquisas sobre essa temática no município de Mossoró-RN, constitui-se, como já delimitamos, a principal motivação desta pesquisa.

Reconhecidos os aspectos mencionados acima, passamos a entender, neste trabalho, a topicalização não como um mero cacete a ser evitado, tal como classifica Bechara (2019), mas sim como um processo lógico por meio do qual é

possível avançar para o início do enunciado um termo a que se quer dar destaque (PERINI, 2007).

Para detalhar esse conceito, Perini (2007, p. 207) nos traz o seguinte exemplo: “Leo comeu o peixinho/O peixinho, Leo comeu”. Com a exemplificação dada por Perini (2007), observamos um exemplo de topicalização do objeto direto, tendo em vista que o sintagma que desempenha tal função no primeiro exemplo é deslocado para margem esquerda da frase. Conforme já mencionamos, um dos motivos que leva o falante a optar por essa sentença topicalizada é a ênfase que se quer dar ao elemento por ele topicalizado. Por isso, a depender do termo ao qual se quer dar destaque, os usuários da língua deslocam, à esquerda, variadas funções sintáticas (sujeito, complementos verbais, predicativos, adjuntos adverbiais etc.). Nesse sentido, para Perini (2007), topicalização é, especificamente, um deslocamento de um constituinte sintático para a margem esquerda da oração, processo esse que tem como principal motivação, segundo o autor, a ênfase que se quer dar ao termo deslocado.

Sem dúvida, o conceito e as exemplificações de Perini (2007) mencionadas anteriormente nos serão úteis em nosso processo analítico. Entretanto, não os consideramos suficientes. Isso porque a questão da ênfase não é, como veremos, a única motivação em relação aos processos de topicalização. Algumas pesquisas têm mostrado, por exemplo, que há outros fatores linguísticos os quais favorecem a ocorrência das construções tópico-comentário.

Exemplo disso é o trabalho desenvolvido por Coan *et al* (2016), o qual revela que fatores como *definitude*, *extensão* e *grau de animacidade* tendem a favorecer que o sujeito de uma oração seja topicalizado. Ora, por ampliar os apontamentos de Perini (2007) e por ser uma pesquisa atual, consideramos pertinente inserir tais fatores em nossa análise. Sobre tais variáveis, esclarecemos que, em se tratando de *definitude*, adotamos como + *definidos* os sujeitos topicalizados nos quais haja presença de artigos definidos, pronomes possessivos e/ou demonstrativos. Por outro lado, os sujeitos topicalizados em que houver ausência de determinantes ou presença de artigos indefinidos serão caracterizados com o traço – *definidos*.

Em se tratando de *extensão do sujeito*, consideramos *longos* os sujeitos topicalizados formados por mais de três vocábulos, restando, conseqüentemente, a classificação de *curtos* para aqueles que foram estruturados com menos de três vocábulos. Por fim, em relação ao grau de animacidade, observaremos como critério

definidor os traços + *animados* e – *animados*. Para tanto, levamos em consideração a diferença entre seres inanimados (- animados) e animados (+ animados).

Entretanto, é necessário lembrar que, por mais que tenhamos tratado nesta seção da topicalização de forma abrangente, a nossa investigação nesta pesquisa consiste exclusivamente no processo de topicalização do sujeito. Portanto, em se tratando de análise, os conceitos e apontamentos projetados até o momento não serão observados, por questões metodológicas, em todas as possibilidades de construções topicalizadas, mas sim somente naquelas nas quais o elemento topicalizado for o sujeito.

Por fim, de todos os direcionamentos feitos até momento, enfatizamos os apontamentos iniciais desta seção. Deles podemos concluir, principalmente, que o processo de topicalização está cada vez mais presente na Língua Portuguesa, de modo que as depreciações puristas diante dessa realidade não possuem, como qualquer preconceito, fundamentação científica. Nesse sentido, estudamos nesta pesquisa a topicalização não como uma transgressão à regra, mas sim como uma possibilidade linguística, motivada por fatores (extralinguísticos e linguísticos) lógicos e explicáveis, tal como aponta Coan *et al* (2016). Essa é, portanto, a premissa norteadora deste trabalho, o qual visa a analisar o processo de topicalização do sujeito, exclusivamente no falar culto mossoroense.

3.1 Topicalização e ensino

Por mais que a ciência da linguagem tenha apresentado significativos avanços teóricos, ainda predominam, nas aulas de língua materna, abordagens que tomam como referência unicamente as prescrições postuladas nas gramáticas normativas (ANTUNES, 2014). Conforme mencionamos nos capítulos anteriores, os fenômenos que fogem a tais prescrições são, simplesmente, classificados como erros, e seu espaço nas aulas de Língua Portuguesa se resume apenas a contraindicações. Exemplo disso é, sem dúvida, o fenômeno de topicalização do sujeito. Tais posturas, além de serem predominante nas aulas de Português, confirmam-nos, em seu íntimo, a premissa segundo a qual, mesmo com os avanços da linguística, são as visões prescritivas que orientam as reflexões em se tratando de Língua Portuguesa. Por esse motivo, propomos, com mais ênfase nesta seção, a

abordagem da topicalização do sujeito nas aulas de língua materna como um recurso linguístico válido e recorrente, e não como um mero equívoco linguístico.

Para tanto, precisamos reconhecer, em primeiro lugar, que nenhum fenômeno linguístico é arbitrário (OTHERO, 2017). Qualquer construção, por mais estigmatizada que seja por parte dos puristas, é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Portanto, reconhecer tais motivações é significativamente mais pertinente do que apenas atribuir à categoria de erro qualquer fenômeno não previsto em compêndios gramaticais.

No que se refere à topicalização, reconhecemos que não faltam pesquisas que rompem os limites da gramática. Na verdade, temos, no Brasil, abordagens linguísticas sobre as construções de tópico-comentário há quase trinta anos. Todas, em unanimidade, apresentam os fatores que motivam a topicalização e sinalizam que tais construções estão cada vez mais presentes na fala das pessoas consideradas cultas. Ora, por quê, então, continuar a vilipendiar essas construções linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa? O que justifica contraindicar a topicalização, se as pesquisas comprovam que, além de lógico, esse recurso está cada vez mais marcante na fala das pessoas cultas?

Com essas observações, percebemos que o desprezo às construções topicalizadas, sobretudo do sujeito, é, na verdade, uma mera arbitrariedade, a qual não condiz com os estudos feitos acerca de tal assunto. Nesse sentido, reforçamos que, ao desprezar as construções de tópico-comentário, a escola perpetua preconceitos e mitos de linguagem, conforme classifica Othero (2017). O primeiro deles é, sem dúvida, a indiferença à ciência da linguagem, tendo em vista a não observância dos resultados de inúmeras pesquisas realizadas sobre topicalização em nosso país, desde a década de oitenta. E isso se faz, principalmente, com o apego exagerado às prescrições normativas, as quais afirmam, diferentemente do que expõem e comprovam as pesquisas linguísticas, que o aluno não deve topicalizar o sujeito.

Enquanto assim proceder a escola, perderão os alunos a oportunidade de utilizar, sem receio algum, um recurso linguístico rico em expressividade. Em vez disso, explorar essa possibilidade linguística nos parece não só válido, mas também oportuno às aulas de língua materna. Mostrar aos alunos que a topicalização pode ser utilizada, principalmente, quando aqueles que dela se valem têm o intuito de enfatizar alguma parte da oração é mais probo do que desprezar todas as pesquisas

a respeito dessa construção gramatical, afirmando ser a sentença topicalizada um equívoco linguístico.

Por tudo isso, defendemos que a topicalização do sujeito seja explorada na sala de aula, não com vilipêndio, mas sim como um recurso linguístico válido, coerente e motivado, que pode ser bem explorado sobretudo em produções textuais. Não concebemos como viável continuar a desprezar uma construção linguística presente, significativamente, na fala das pessoas cultas, e esperamos, por fim, que esta pesquisa seja mais uma contribuição, dentre as várias já existentes, para demonstrar que o processo de topicalização é recorrente e motivado, linguística e extralinguisticamente. Isso posto, passemos, doravante, às considerações sobre o percurso metodológico necessário aos objetivos desta pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

As considerações feitas anteriormente já nos permitiram delimitar o objetivo a que se propõe esta pesquisa. Entretanto, para cumpri-lo, é essencial que tracemos o percurso metodológico necessário ao alcance de todos os resultados anelados com o presente trabalho. A esse intuito destina-se, pois, o presente capítulo.

Em primeiro lugar, julgamos relevante mencionar que, para caracterizar a metodologia da qual nos valem em nossa pesquisa, utilizaremos os seguintes critérios classificatórios propostos por Gil (2002): objetivos gerais da pesquisa, procedimento adotado para coleta de dados, procedimento de análise de dados. Levando, então, em consideração os apontamentos feitos por esse autor, a presente pesquisa classifica-se como descritiva, em se tratando de objetivos gerais. Isso porque, tal como delimitamos em seções anteriores, temos o objetivo de analisar o fenômeno da topicalização do sujeito no falar culto mossoroense estabelecendo, para isso, relações entre variáveis (linguísticas e extralinguísticas), procedimento esse que, segundo Gil (2002), é peculiar à pesquisa descritiva.

Quanto ao segundo critério (coleta de dados), é necessário lembrar que, neste trabalho, delimitamos como *corpus* de análise o falar culto mossoroense. E para a ele ter acesso, valemo-nos dos dados coletados, em 2019, por meio de um Projeto Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), intitulado “Análise do Fonema /s/ em Posição de Coda no Falar Culto Mossoroense”. Nesse projeto, foram

entrevistados oito falantes cultos mossoroenses, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Por esse motivo, consideramos que tais dados nos servem, também, como um *corpus* analítico adequado à presente pesquisa. É, pois, por esse motivo que iremos nos valer das transcrições dos áudios coletados em tal projeto de iniciação científica. Com elas, será possível, então, analisar o processo de topicalização do sujeito no falar culto mossoroense.

Em vista disso, classificamos a presente pesquisa como bibliográfica, em se tratando de coleta de dados. E assim consideramos por nos valeremos de fontes de papel (transcrições de áudios), tal como classifica Gil (2002). Por último, em relação ao *corpus* de que nos valemos, acreditamos que seja pertinente esclarecer, desde já, que, ao nos referirmos a falantes cultos, não estamos tratando de indivíduos que seguem, supostamente, todas as regras prescritivas contidas na gramática tradicional, mas sim de “falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 47).

Em continuidade, se observarmos os apontamentos de Gil (2002) e de Godoy (1995) em relação às metodologias de análises de dados, veremos, dentre as duas classificações dadas por tais autores, a pesquisa qualitativa como a mais adequada aos objetivos analíticos traçados neste trabalho. Isso porque os propósitos aos quais se propõe esta pesquisa solicitam uma metodologia que se enquadra nos parâmetros da pesquisa qualitativa, principalmente pelo fato de que “ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 21). Por isso, concebemos que, para o processo analítico, esta pesquisa requer metodologia qualitativa. E assim entendemos porquanto a análise aqui proposta se desenvolve por meio da comparação entre variáveis, processo que necessita, significativamente, da maleabilidade presente no método qualitativo.

Ademais, ainda em referência à análise dos dados, selecionamos as seguintes variáveis, baseados em Coan *et al* (2016): sexo e idade (variáveis extralinguísticas), extensão do sujeito, grau de animacidade, definitude (variáveis linguísticas).

Por último, em se tratando das discussões teóricas necessárias ao desenvolvimento do trabalho, valer-nos-emos, principalmente, das perspectivas teóricas de Bagno (2012), Castilho (2019), Coan *et al* (2016), Perini (2007), Pontes (1987), entre outros, no que se refere ao processo de topicalização do sujeito. Com

eles, teremos, enfim, a possibilidade de proporcionar rigor científico a nossas ponderações. Definido isso, já podemos, no próximo capítulo, passar à análise à qual nos propomos.

5 ANÁLISE DA TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR CULTO MOSSOROENSE

Por meio dos apontamentos feitos nos capítulos anteriores, pudemos diferenciar, dentre diferentes aspectos, as percepções adotadas entre linguística descritiva e gramática tradicional no que se refere à topicalização do sujeito. Tornamos patente, nessa ocasião, que, em nossa análise, fugiríamos da concepção redutora segundo a qual a topicalização do sujeito é uma mera construção desprovida de nexos sintático. Esclarecido todas essas peculiaridades, falta-nos, porém, responder, de fato, à questão norteadora desta pesquisa, qual seja: “de que modo os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense?”. A esse intuito destina-se, então, este capítulo. Porém, antes de assim proceder, antecipamos que, nas exemplificações necessárias, faremos algumas alterações lexicais a fim de que preservemos a identidade dos informantes de nossa pesquisa.

Para cumprir com essa proposta, valemo-nos de transcrições de oito áudios coletados no projeto “Análise do Fonema /s/ em Posição de Coda no Falar Culto Mossoroense”, realizado, conforme mencionamos, por intermédio do PIBIC, em 2019. Os áudios a que recorreremos tinham, no máximo, quatro minutos de duração. Entretanto, mesmo com um número relativamente curto de tempo, pudemos observar uma recorrência considerável em se tratando do processo de topicalização do sujeito. Assim afirmamos tendo em vista que, das oito transcrições analisadas, apenas uma não apresentou sujeitos topicalizados.

E para associar todas as ocorrências às variáveis observadas, elaboramos uma codificação na qual utilizamos letras para representar cada variável. Vejamo-la, abaixo, os códigos aos quais recorreremos para procedermos à análise delimitada nesta pesquisa:

Tabela 01- codificação utilizada para registro de ocorrências de variáveis

Códigos:
Sexo: masculino (M), feminino (F)
Idade do informante: 15-25 jovens (J), 26-49 adultos (G)
Extensão do sujeito: sujeito longo (L), sujeito curto (C)
Grau de animacidade: mais animado (A+), menos animado (A-)
Definitude: mais definido (D+), menos definido (D-)

Fonte: elaborada pelo autor

Assim, durante a análise de uma transcrição, ao encontrarmos um sujeito topicalizado, registramos as variáveis nele encontradas valendo-se da codificação apresentada na tabela anterior. A título de exemplificação, vejamos o seguinte exemplo hipotético: “A menina, ela já foi embora.” Ora, se a oração anterior fosse proferida por uma pessoa do sexo feminino, utilizaríamos, de acordo com a tabela, a letra “F” para registrar esse fator. Além disso, se a autora da oração tivesse menos de vinte e seis anos de idade, utilizaríamos a letra “J” para marcar essa variável. Ademais, percebemos que o sujeito topicalizado é curto e possui artigo definido. Por isso, para esse registro, valer-nos-íamos, respectivamente, das letras “C” e “D+”. Por último, percebemos que o núcleo “menina” adequa-se melhor ao traço *mais animado*. Para tal registro, utilizaríamos a letra “A+”. Em síntese, então, a oração a “A menina, ela já foi embora” seria codificada da seguinte maneira: F, J, C, D+, A+.

Seguindo, pois, tais critérios, registramos, conforme já mencionado, sete áudios nos quais houve topicalizações do sujeito. Neles, conseguimos identificar, no total, quinze ocorrências de sujeitos topicalizados. Reconhecemos que, se o *corpus* analítico a que recorreremos fosse formado por áudios mais longos, o número de ocorrências teria sido, talvez, maior. Entretanto, entendemos que as quinze ocorrências, distribuídas em sete áudios, já nos permitem traçar um indicativo em relação aos fatores que motivam o processo de topicalização do sujeito no falar culto mossoroense.

No que diz respeito a tais fatores, observamos, em primeiro lugar, as variáveis extralinguísticas, quais sejam: sexo e idade. Por meio dos registros e codificações, percebemos, nos sujeitos topicalizados encontrados, que houve predominância de realizações quando analisamos informantes masculinos e adultos, ou seja, com mais

de vinte e cinco anos de idade. Isso porque, das quinze realizações verificadas, oito foram feitas por informantes masculinos e nove foram feitas por informantes adultos. Assim, conseguimos registrar o seguinte percentual:

Tabela 02- percentual de ocorrências de variáveis extralinguísticas

Sexo	Idade
Masculino (M): 53,3%	Jovens (J): 40%
Feminino (F): 46,6%	Adultos (G): 60%

Fonte: elaborada pelo autor

Por meios desses dados, verificamos que, no que se refere a variáveis extralinguísticas, as condições favoráveis à topicalização do sujeito no falar culto mossoroense parecem ser o sexo masculino e a idade superior a vinte e cinco anos.

Observado isso, passamos à análise das variáveis linguísticas. A primeira a que nos dedicamos foi a *extensão do sujeito*. Sobre isso, lembramos que, nessa variável, consideramos duas possibilidades, a saber: sujeitos longos e sujeitos curtos. Nesse tocante, classificamos como longos, com base em *Coan et al* (2016), os sujeitos formados a partir de três vocábulos e curtos aqueles que possuíam menos de três vocábulos. Nessa observação, pudemos visualizar que os fatores que mais contribuíram para a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense foram, em nossa análise, os sujeitos curtos. E assim nos posicionamos tendo em vista que, das quinze realizações identificadas em nosso *corpus* analítico, nove se deram com sujeitos curtos e apenas seis com sujeitos longos. Formulamos, assim, o seguinte percentual:

Tabela 03- percentual relativo à variável *extensão do sujeito*

Sujeitos longos (a partir de 3 vocábulos)	40%
Sujeito curto (inferior a 3 vocábulos)	60%

Fonte: elaborada pelo autor

Se compararmos esses resultados com a pesquisa de *Coan et al* (2016), visualizaremos notórias diferenças em se tratando da análise da extensão do sujeito. Isso porque, ao investigar o processo de topicalização do sujeito no falar culto do Rio de Janeiro, os autores encontraram mais ocorrências com sujeitos longos e, por

isso, levantaram a seguinte hipótese: “quanto mais elementos o sujeito contiver, maiores serão as chances de que o falante resuma todo aquele SN em apenas um pronome, ajudando o ouvinte a identificar mais rapidamente o referente que está sendo introduzido” (COAN *et al.*, 2016, p. 180). Conforme mencionamos, em nossa análise, diferentemente da de Coan *et al* (2016), encontramos prevalência de sujeitos curtos. Sobre isso, levantamos a hipótese de que, no falar culto mossoroense, os sujeitos curtos são topicalizados com mais frequência justamente por serem menores e, talvez por isso, precisam ser retomados a fim de que o ouvinte lembre o curto termo sobre o qual locutor fala. Em nível de exemplificação, vejamos alguns registros feitos, nas transcrições analisadas, de sujeitos curtos:

- (1) ...o **aluno**, *ele* vai aprender de forma suave (informante 02, masculino, adulto 26-49 anos).
- (2) **Os eventos**, *eles* conseguem prender mais a atenção das pessoas (informante 01, masculino, jovem 15-25 anos).

Conforme mencionamos, conseguimos perceber que ocorrências como as anteriores foram predominantes na variável de extensão do sujeito. E após isso concluir, passamos à análise da variável *definitude*. Sobre ela, lembramos que consideramos, para nossa avaliação, dois aspectos, quais sejam: sujeitos *mais definidos* e *menos definidos*. Para caracterizar os sujeitos *mais definidos*, utilizamos o critério segundo o qual assim se caracterizam os sujeitos em que há presença de artigos definidos, pronomes possessivos e/ou demonstrativos. Na ausência de tais classes de palavras, caracterizamos os segmentos topicalizados como sujeitos *menos definido*. Posto isso, em nossa análise, percebemos que todos os sujeitos topicalizados eram *mais definidos*. Isso implica reconhecer que, em todas as ocorrências, visualizamos artigos definidos, pronomes possessivos e/ou demonstrativos. Nesse sentido, a variável *definitude* assim se distribui percentualmente:

Tabela 04- percentual relativo à variável *definitude*

Sujeitos mais definidos	100%
Sujeitos menos definidos	0%

Fonte: elaborada pelo autor

Se novamente compararmos esses resultados aos de Coan *et al* (2016), veremos, dessa vez, uma expressiva semelhança. Isso porque, ao pesquisar os sujeitos topicalizados no falar culto do Rio de Janeiro, os autores perceberam que havia “mais dados na construção tópico-comentário quando os SNs são mais definidos” (COAN *et al.*, 2016, p. 181). Nesse sentido, pontuamos que, quanto à variável *definitude*, poderíamos pensar no seguinte princípio: no falar culto mossoroense, quanto mais definido for o sujeito, maiores são as chances de o falante topicalizá-lo. A exemplo de algumas ocorrências com esses traços, vejamos as seguintes:

- 3) **O ensino das regras**, gramaticais ele se efetive melhor se for feito de modo contextualizado (informante 02 feminino, adulto 26-49 anos).
- 4) **A prática de decorar regras gramaticais**, *ela* já está, ou melhor, ela deveria ser superada (informante 01 feminino, adulto 26-49 anos).

Por último, observamos a variável *grau de animacidade*. Para ela, selecionamos, metodologicamente, duas classificações, a saber: *mais animados* e *menos animados*. Novamente, os resultados de nossa pesquisa coincidem com os de Coan *et al*. Isso porque em ambas houve predominância, nos sujeitos topicalizados, do traço *mais animado*. Prova disso é que, das quinze ocorrências identificadas em nosso código, nove se deram com sujeitos *mais animados* e seis com sujeitos *menos animados*. Tais numerações representam os seguintes registros percentuais:

Tabela 05- percentual relativo à variável *grau de animacidade*

Sujeitos mais animados	60%
Sujeitos menos animados	40%

Fonte: elaborada pelo autor

Nesse sentido, podemos visualizar que, na análise aqui empreendida, os sujeitos parecem ser mais topicalizados à medida que apresentam um maior grau de animacidade. Com isso, ao concluir as observações necessárias em relação às variáveis observadas em nossa pesquisa, poderíamos, a partir de então, responder à questão norteadora deste trabalho. Para tanto, parece-nos oportuno concluir, após todo o levantamento percentual, que o sujeito topicalizado está presente no falar culto mossoroense e parece ter como principais motivadores os seguintes fatores:

sujeitos curtos, mais determinados, definidos e animados, realizados, principalmente, por falantes masculinos com mais de vinte e cinco anos de idade. Recorrendo à nossa codificação apresentada na tabela número 01, teríamos o seguinte padrão: C, D+ A+ M, G.

Após chegarmos a tais resultados, não respondemos somente à questão norteadora de nossa pesquisa. Ao contrário, conseguimos, após todo o percurso analítico, confirmar, significativamente, aquilo que vimos e defendemos em nossas discussões teóricas. Ou seja, por meio de nossa análise, não só vimos apenas quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense, mas também tivemos a oportunidade visualizar, conforme apontamos nos capítulos teóricos, que a topicalização não é um mero cacoete a ser evitado por pessoas cultas, tal como afirmou Bechara (2019). Ao contrário, pudemos perceber e confirmar que esse fenômeno linguístico, conforme defende Bagno (2012), cada vez mais se apresenta nos falares cultos, tendo motivações bem determinadas. E ao assim procedermos, cumprem-se, portanto, o objetivo de nossa pesquisa, a qual pretendemos, em estudos posteriores, ampliar teórica e analiticamente. Assim, podemos, por fim, tecer considerações finais do nosso trabalho. A isso destina-se o próximo e último capítulo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos apontamentos iniciais deste trabalho, mencionamos que, de acordo com os preceitos da gramática tradicional, o processo de topicalização do sujeito é conceituado, pejorativamente, como uma construção linguística a ser evitada. Por nos opormos a essa concepção, propomos, apoiados nos preceitos da linguística descritiva, o estudo desse fenômeno no falar culto mossoroense. A fim de que fosse possível explorar essa problemática, iniciamos nossos apontamentos distinguindo conceitos fundamentais ao entendimento do capítulo analítico, principalmente no que se refere às concepções distintas que têm a linguística e a gramática em relação ao mecanismo de topicalização do sujeito.

Feito isso, vimos que a literatura linguística descritiva, opondo-se à visão tradicional, legitima o processo de topicalização do sujeito, concebendo-o como um fenômeno presente significativamente no português brasileiro (BAGNO, 2012).

Apoiados nisso, dedicamo-nos ao objetivo principal de investigar, no falar culto mossoroense, quais eram os fatores que influenciavam a realização das construções de tópico-comentário. Para essa análise, delimitamos, baseados em Coan *et al.* (2016), as variáveis *sexo*, *idade*, *extensão do sujeito*, *grau de animacidade* e *definitude*. Com isso, foi-nos possível perceber não só que a topicalização do sujeito é um fenômeno motivado e recorrente no falar culto mossoroense, mas também quais dos fatores analisados favorecem a topicalização do sujeito no *corpus* por nós escolhido.

Sobre isso, observamos que, nas quinze topicalizações encontradas em nosso processo analítico, houve maior recorrência nas seguintes variáveis: sexo masculino (53,3%) com idade superior a vinte e cinco anos (60%), sujeitos curtos (60%), mais definidos (100%) e mais animados (60%). Por meio desses dados, foi-nos possível traçar um padrão que parece ser predominante e motivador no que se refere à topicalização do sujeito no falar culto mossoroense, qual seja: os sujeitos curtos, mais determinados, definidos e animados tendem a ser topicalizados no falar culto mossoroense, principalmente quando são realizados por falantes masculinos com mais de vinte cinco anos de idade.

Identificados os fatores e seus respectivos percentuais de ocorrência, cumprimos os objetivos aos quais nos propomos neste trabalho. Ou seja, conseguimos identificar, conforme detalhamos anteriormente, os fatores linguísticos e extralinguísticos que parecem motivar a topicalização do sujeito no falar culto mossoroense. Mesmo assim, esperamos suscitar, em trabalhos posteriores, reflexões mais abrangentes no que se refere ao processo de topicalização. Isso porque entendemos que abordagens como essa, além de desfazer preconceitos linguísticos mantidos pela tradição normativa, ajudam a traçar o perfil linguístico de determinado grupo de falantes, tal como sugerimos em nossos apontamentos introdutórios. Além disso, nossa pesquisa pode contribuir para o ensino proporcionando ao professor de Língua Portuguesa uma visão mais abrangente em relação às construções de tópico-comentário, na medida em que nos distanciamos das perspectivas que limitam a topicalização à mera noção de erro. Por tudo isso, consideramo-la, além de relevante, passível de continuação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, José Roberto Alves. **Linguística**: outra introdução. Mossoró: Queima-Bucha, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Bechara para concursos**: enem, vestibular e todo tipo de prova de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

COAN, Márluce; CAVALCANTE, Sávio André de Souza; PEIXOTO, Karla Maria Marques; DA SILVA, Meire Celedônio; ALBUQUERQUE, Micheline Guelry Silva. Topicalização do sujeito em perspectiva variacionista. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 173–186, 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CUNHA, Celso. **Sob a pele das palavras**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901995000300004&script=sci_pdf&tlng=pt. Acesso: 28 de outubro de 2020.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1982.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017

OTHERO, Gabriel Ávila. **Mitos de linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **O ensino de gramática**: caminhos e descaminhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **Iniciação à linguística**: fundamentos essenciais. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.